

DESEJOS

Pois desejo, primeiro, que você ame e que, amando, seja também amado e que, se não o for, seja breve em esquecer e que, esquecendo, não guarde mágoa. Desejo, depois, que não seja só, mas que, se for, saiba sê-lo sem desesperar. Desejo, também, que tenha amigos e que, mesmo maus ou inconsequentes, sejam corajosos e fiéis e que em pelo menos um deles você possa confiar e que, confiando, jamais duvide de sua confiança. E, porque a vida é assim, desejo, ainda, que você tenha inimigos, nem muitos, nem poucos, mas na medida exata para que algumas vezes você se interpele a respeito de suas próprias certezas e que haja, entre eles, pelo menos um que seja justo, para que você não se sinta demasiadamente seguro. Desejo que você seja útil, não insubstituívelmente útil mas razoavelmente útil, e que nos maus momentos, quando nada mais restar, essa utilidade seja suficiente para manter você de pé. Desejo, ainda, que você seja tolerante, não com os que erram pouco, porque isto é fácil, mas com aqueles que erram muito e irremediavelmente, e que esta tolerância nem se transforme em aplausos nem em permissividade, para que, assim, fazendo um bom uso dela, você dê, também, um exemplo para os outros. Desejo que você, sendo jovem, não amadureça depressa demais e que, sendo maduro, não insista em rejuvenescer e que, sendo velho, não se dedique a desesperar porque cada idade tem os seus prazeres e as suas dores e é preciso deixar que isso ocorra dentro de nós. Desejo, por sinal, que você seja triste, não durante um ano todo, nem por um mês e muito menos por uma semana, mas por apenas um dia e que nesse dia de tristeza você descubra que o riso diário é bom, que o riso habitual é insosso e que o riso constante é insano. Desejo que você descubra, com o máximo de urgência, acima e a despeito de tudo, talvez agora mesmo, mas, se for impossível, amanhã de manhã, que existem oprimidos, injustiçados e infelizes e que estão à sua volta porque seu pai aceitou conviver com eles e que eles continuarão à volta de seus filhos se você achar a convivência inevitável. Desejo, ainda, que você possa afagar um gato, alimentar um cão e ouvir, pelo menos, um João-de-Barro erguer, triunfante, o seu canto matinal porque, assim, você se sentirá bom por nada. Desejo, também, que você plante uma semente, por mais ridícula que seja, e acompanhe seu crescimento, dia a dia, para que você saiba de quantas muitas vidas é feita uma árvore. Desejo, outrossim, que você tenha dinheiro, porque é preciso ser prático, e que, pelo menos uma vez por ano, você ponha uma porção dele na sua frente e diga: isto é meu!, só para que fique claro quem é o dono de quem. Desejo, ainda, que você seja frugal, não inteiramente frugal, não obcecadamente frugal mas, apenas, usualmente frugal, mas que essa frugalidade não impeça você de abusar quando o abuso se impuser. Desejo, também, que nenhum dos seus afetos morra, por ele e por você, mas que, se morrer, você possa chorar sem se culpar e sofrer sem se lamentar. Desejo, por fim, que, sendo mulher, você tenha um bom homem e que, sendo homem, você tenha uma boa mulher e que se amem hoje, amanhã, depois, no dia seguinte, mais uma vez e novamente, de agora até o próximo ano acabar e que, quando estiverem exaustos e sorridentes, ainda tenham amor para recomeçar. E, se só isso acontecer, nada mais terei a desejar.

Sérgio Jockymann, 1930-2011 (jornalista, escritor, poeta, radialista e dramaturgo)